

A LAGRIMA

Quinzenario illustrado

Ed. resp. Marcos E. C. de Carvalho

Barcellos, 26 de abril de 1903

Anno, Barcellos, 480; Provincias, 60

Red. e offic.: Typographia Barcellense



CRUZES

Batem-nos á porta as festas. E este Barcellos, espreguiça-se, lava a cara, e todo gentil e galhardo levanta-se, como se da sua apathia indifferente o acordasse o sopro vivificante do progresso.

E' que elle bem comprehende que, n'esta evolução moderna que estremece e palpita na ancia de melhor situação, nas tendencias espontaneas do desenvolvimento das artes e das industrias, reside essa grande força que dá alma ás nações e que edifica o character.

As festas de Cruzes, este anno, tomam o aspecto intelligente e cortez que sempre deveriam ter.

A villa remoeça como para um noivado. A esthetica e limpeza, corrigem-se e asseiam-se.

Como barcellenses—e d'isso nos presamos—vemos alegremente essa feição onde o util e o agradável commungam n'uma expansão de trabalho e de energia.

Barcellos presentia que a fonte de receita ia seccando e cuida com amor de a explorar, rasgando, n'um impulso nobre e inconfundivel, um novo veio que promoveu uma exposição camararia, onde a industria, a arte e a agricultura tem o seu papel dominante.

E n'esta superior manifestação do nosso bom gosto, revela-se mais accuramento d'espirito, maior iniciativa para a remodelação social do nosso meio.

Na festa de Cruzes, revive uma tradição gloriosa da nossa religião, uma permanente demonstração da nossa fé.

E' justo que acarinheemos a lenda que incutiu em nossa alma os principios de amor e caridade; assim como tambem é justo que, a par, se lhe hasteie o labaro augusto do progresso, onde refulgem inegalaveis as immensas conquistas da civilisação.

O velho preconceito ruíu—esmagou a verdade e o trabalho, esses dois agentes que esclarecem e constroem.

*

Fomos encarregados da honrosa missão de conseguirmos do nosso primoroso artista e patricio, Antonio Candido da Cunha, a factura dos diplomas que têm de premiar os concorrentes á Exposição.

Da melhor vontade, e com aquella bondade e dedicação que são patrimonio do nosso querido artista, fomos attendidos, e hoje a «Lagrima» illustra-se publicando a miniatura d'esse soberbo trabalho.

Candido da Cunha, n'uma d'essas horas fe-

A LAGRIMA

lizes em que o genio visita os seus elcitos, inspirou-se n'uma composição que é um primor d'arte.

Concerta em diminuto espaço, o trio dilatado da Industria, Agricultura e Pecuaria. E' engenhoso e subtil. As figuras symbolicas são bem lançadas e elegantes e como que formam guarda á delicada paysagem que ao centro se desatavia.

O nosso estimado amigo imprimiu na sua genial obra todo o seu coração de barcellense e toda a sua alma d'artista—o sentimento e o amor ao berço!

E' esta, como os nossos leitores podem julgar, uma das notas mais brilhantes e suggestivas.

De resto, os outros festejos tambem serão muitos e deslumbrantes. A commissão promotora não se poupa a sacrificios para que o publico subscriptor e forasteiros fiquem satisfeitos.

E' curioso o delirio de limpeza. Não ha artistas que cheguem para esta asafama. Desde o pobre ao rico a mesma vertigem—tudo caleado, tudo pintado!

Se assim fossemos sempre que mimo não seria a nossa villa, já de si tão bella e rica.

Um gabirú que dá pelo nome de Manuel Luiz Pereira—em Abbade de Neiva—entende que o casamento é puramente um contracto mercantil: o que se chama um negocio!

Fingiu-se derretido por uma rapariga d'aquella freguezia e depois de aturado namoro fez proposta de casamento ao pac d'ella:

—Eu cá caso, mas com a condição de me ádotar a sua filha. Caijo queira, é p'ra já. Se num quizer, bõs dias. Armo outro negocio. Graças a Deus, tem me sido rogado melhores arranjos.

—Pois bem, se você gosta da minha filha, recebe a parte que lhe tocou da fallecida mãe e á minha morte recebe o resto.

Ficou combinado. Tratou-se dos banhos e chegou o dia do casorio o javardo não appareceu.

Foram procural-o.

—Não caso, berrava elle, só se me derem mais dinheiro que o que me foi promettido. O que me custa é ter comprada, fiada, uma corrente d'ouro, em Barcellos e não ter com que a pagar.

Pesa-me a aurna de ter feito um fato de roupa e não possuir massas para o ir buscar ao alfaiate.

E o malandro não lhe pesa a consciencia deixar a noiva e já mãe.

Analyses chimicas

O nosso estimado collega de redacção Ayres Duarte—competentissimo pharmaceutico da

Misericordia—em razão de contracto com um dos preparadõres do nosso primeiro estabelecimento scientifico, no curto espaço de 48 horas, apresenta analysados escarras, urinas, pús, etc.

Tambem manda amostras de azeite para apuramento da sua acidez, o que é vantajoso para o commercio.

Madrigal.

Tu tens na linda voz, um timbre d'harmonia;
No bello olhar, a flôr gentil d'um bem amado;
E em teu collo—um primor de rara phantasia—
Tu guardas a ventura ideal d'um namorado!

Na voz um doce canto;
No olhar, feliz amor;
No collo, ledo encanto
D'um pobre sonhador!

P'ra que a criaste assim, oh! sabia Providencia,
Tão bella e tão perfeita, enlevo d'alma santo?
Miragem que se esvae, fluido de grata essencia
Fugindo-nos subtil. E eu que a amo tanto!

Meteoro fulgente
De fascinante luz,
Lyrio alvinitante
Que embriaga e seduz!

Em meus passos surgiste e meus olhos cegaste:
De piedade esse olhar quanto mal que me fez!
Mas p'ra que veja o sol—luz com que me mataste,
Perdoae, oh! meu Deus! eu cegava outra vez!

D'amor tristeromeiro
Ceguinho e sem bordão,
Dá-lhe á alma primeiro
D'um olhar a visão.

Avél por ti, mulher, cheia de graça pura,
Faça-te o Ceu feliz de riquezas sem par:—
Alvoradas d'amor, eterno de ventura,
Diademas de luz tua fronte a adornar!

P'ra Ti—o infinito,
A paz, a magestade,
P'ra mim—a Dor, n'um grito
Immenso de saudade!

Nem tu sabes quem é que inspira a minha lyra
Em cantos de louvor. E' esse o meu segredo!
Segredo de quem chora, segredo de quem suspira
Impossivel amor. Dizer-to? Sinto medo!

Em 26-3-903.

Arnaldo Braz.

PROGRAMMA DE CRUZES

Tendo nós sido pela commissão dos Festejos encarregados da encommenda dos programmas de Cruzes, fizemol-a na Agencia de Publicida-

A LAGRIMA

de, do Porto, como da especialidade em trabalhos de tal natureza.

Recommendamos cuidado na execução e tivemos o desgosto de apreciar o trabalho mais bandalho, mais pelintra, que tem saído de officinas portuguezas ha bons 600 annos ou seja desde que Guttenberg proclamou o seu invento.

Nem gosto e nem sequer ao menos nitidez...

Mais uma vez repetimos aqui aquillo do outro: «Deus mande um raio de inspiração ao compositor de taes programmas, quando não possa mandar um raio dos outros...»

PRAÇA DE TOUROS

Ficou no ultimo sabbado concluida a praça de touros que foi levantada no local da Forca Velha, em Barcelinhos, para não estorvar as vistas a ninguem.

Achamol-a muito elegante.

*

Realisou-se hontem a primeira tourada.

O sr. João Mineiro fez bellamente uma péga de cara a um gato bravo que, por infelicidade, lhe pregou os dentes no sitio onde as costas mudam de nome.

O sr. Paes da Faria farpeou um cão de regaço, sendo collido pelo bicho que o arremessou ao colo d'uma seuhora de sangue azul.

O sr. José Evangelista Lima tambem farpeou um sardão pinto e de tal maneira se houve, tão brilhantemente, que o animal metteu-se-lhe por uma perneira da calça acima, que ainda está para se saber onde se introduziu.

Pois tem sido sondado e até 'gora não appareceu o cadaver—pois deve ser cadaver!—do sardão.

O quarto farpeador foi o sr. Basilio de Jesus. Coube-lho á sorte uma pulga de raça arabe, criada á mão pelo sr. Antonio dos Santos, muito digno proposto do proposto da nossa recebedoria.

As bancadas da sombra e sol riram a bom rir, porque se a pulga dava saltos, alguns verdadeiros saltos mortaes, o sr. Basilio era um verdadeiro saltão.

Afinal o bicho, queremos dizer o sr. Basilio não foi capaz de farpear a pulga, que recolheu ao curral.

O quinto animal escolhido foi um gallo da India (que por ser da India foi avaliado pelo antiquario Caçalufas em 5.000 réis.)

O artista para lutar com o gallinaceo foi o sr. Joaquim Martins, que de prompto se poz em mangas de camisa e, pelo barometro o thermometro da arena, viu-se que deu 53 trambulhões.

Ficou com o dedo minino do pé esquerdo partido, que foi de prompto soldado pelo Grande da Quinta, servindo-se d'uma lampada d'alcool.

Brevemente realizar-se-ha nova tourada, contando-se com varios bandarilheiros.

CHRONICA VERSATIL

Pedindo a vereação
Da *Cambra* Municipal
A todo o povo em geral,
N'um convite principesco,
Para pintar os casebres,
Foi promptamente attendida,
Ficando a villa garrida
Toda pintada de fresco.

E' de ver a linda graça
Das altivas frontarias
Sorrindo com ufancias
Das suas vestes galantes.
Dizendo aos nossos leitores:
«Alto lá, não vos chegueis.
«Escutai! Não me sujeis.
«Passae de largo, birbantes!

Não se lembram as ingratas
Que se assim estão formosas
E sorrindo de vaidosas
Com uns ares de respeito,
E' devido aos bons leitores,
Que, cavalheirescamente,
Accederam promptamente
Ao convite que foi feito.

Furão.

Almeida Garrett

A Associação dos Empregados no Commercio de Barcellos participa-nos que realisa no proximo dia 3 de maio, uma sessão publica, em solemnisação da transladação das ossadas do grande Almeida Garrett, convidando-nos tambem a assistirmos a ella, convite que, penhorados, agradecemos.

Secção dedicada ás criadas de servir e por ellas collaborada

Vae por ahi o diabo com relação ao movimento que, em prol do seu descanso, encetaram as creadas de servir.

Houve já forte sopapo e parece-nos, que a coisa não fica por aqui: receiamos que hajam assassinos!

E a causa? a razão determinante de taes desavenças n'um campo onde a harmonia parecia reinar inteiramente? O verdadeiro motivo, (pasmem! pasmem! senhores!) é como no *Hamlet*: *ser ou não ser*. Nem mais nem menos! Estas senhoras (perdão: excellentissimas) creadas de servir, sempre são levadinhas da breca. Mas... nós explicamos.

A presidenta Arminda, que como todos sa-

A LAGRIMA

bem não é para brincadeiras, *espetou* na ultima reunião um formidável *cachaço* n'uma sua collega que não estava com o devido respeito. D'aquí, grande zaragata. Umás, defendiam a presidenta; outras, eram pela collega ultrajada. Felizmente, que, como sempre, se achava presente o dignissimo representante da auctoridade, sr. Paes de Faria, que conseguiu apertar as desavindas—não, sem primeiramente os seus formidáveis musculos terem experimentado a valentia de certas femininas mãos. Mas, enfim, quem vae á guerra, dá e leva, e tudo acabou por se harmonisar do melhor modo. No outro dia, porem, a presidenta Arminda, pensando bem no caso, julgou que o facto de haver na classe que tão superiormente dirige quem tomasse a defeza d'uma sua antagonista, era um gravissimo desrespeito á sua auctoridade, resolveu... demittir-se. Immediatamente convocou toda a classe para uma reunião extraordinaria e apresentou a sua demissão, aliás, em termos muito sentidos, protestando que nunca mais se interessaria por uma classe que tão mal lhe pagava os favores e sacrificios que por ella tinha feito; agora, dizia ella, que se arranjasse a commissão quanto aos trabalhos a fazer para se conseguir o descanso dominical. Ella, pela sua parte, lavava d'ahi as mãos. (N'esta altura uma creada objectou que a presidenta não podia lavar as mãos no descanso dominical, porque ahí não existe agua e muito menos sabão. A illustre presidenta não fez mais que rir-se, mas com aquelle riso da superioridade altiva que zomba da ignorancia crassa). E, terminou a Arminda, que escolhessem immediatamente nova presidenta para ella se poder retirar da vida activa e recolher-se á privada.

Aquí, porem, ardeu Troya. Todas queriam, á viva força, ser eleitas presidentas. Houve por isto nova pancadaria e novos disturbios.

No meio de um berreiro atoador só se ouvia: «hei-de ser eu a presidencial!», «hei-de ser eu a presidencial!». «Isso nunca na tua vida», «mas quem?», «tu! e não me cantes! olha que eu...» etc. etc...

Novamente o Paes de Faria veio harmonisar a assembleia. Lembrou que o melhor meio para evitar questões era irem todas com a maioria. Foi o que ellas fizeram. Então, era um berreiro novamente ensurdecedor: «eu cá vou com a maioria!», «eu cá vou com a maioria!». Ao fim de gritarem meia hora que iam com a maioria, todas as creadas de servir reunidas queriam saber quem era a presidenta. Chegaram á conclusão de que tinha sido eleita a maioria... Como nenhuma das presentes conhecia tal madama e julgando que o Paes de Faria as tinha intrujado, resolveram vingar-se n'este nosso amigo que mais uma vez teve de

lhes aturar os arrebatamentos de genio. Acabou, pois, a reunião sem se eleger nova presidenta. E toda esta questão, pelo motivo do ser ou não ser... a presidenta.

Dizem-nos que brevemente se realisará a eleição. As creadas que se propõem á presidencia já por ahí pedem votos ás collegas com o maximo empenho. Não faltam promessas nem offerecimentos. Uma creada já disse que só vota com quem lhe arranjar uma estrada para a sua freguezia, que, diz ella, é muito mau caminho e sempre por atalhos. Outra, quer que lhe nomeiem um irmão sub-inspector. Sem lhe arranjamem isso não vota com ninguém.

Pelo que parece, pois, a eleição vae tomando um aspecto interessante e nós, no proximo numero da «Lagrima», faremos o mais possível por a relatar com as maiores minucias, mas sempre baseados na verdade dos factos. Para evitar possibilidades de informações erradas, irá para junto da urna, ver como a eleição se passa, o redactor d'este jornal que tem tratado d'esta importantissima questão.

Notas

Tinhamos dito que publicariamos hoje os nomes das creadas que teem adherido ao movimento, numerando-as a começar das mais bonitas.

Não o fazemos porque houve graves dissidencias entre os redactores d'este jornal por causa de se saber a creada a quem deveria tocar o n.º 1.

Um dizia que esta era mais bonita; outro, que aquella era mais sympathica; outro, que fulana era a mais elegante, etc. Para evitar questões, não se numeram as creadas. Podemos, porem, informar os leitores, de que, segundo a numeração feita, cabia á Rosinha (dos Mellos) o n.º 87.

—Cortamos ha dias as nossas relações com uma creada d'esta villa. So por estes 8 dias não nos harmonisamos novamente, publicaremos no proximo numero d'este jornal a sua biographia, que é, aliás das mais interessantes que conhecemos.

—Dizem-nos que as creadas projectam uma manifestação de sympathia ao nosso jornal, por termos tomado calorosamente a sua defeza.

... Obrigado, raparigas, obrigado...

Dissemos ha tempos que Barcellos estava sem sorte quanto ás referencias que, em gravura e letra redonda, lhe teem feito. Hoje, porém, temos occasião de dizer o contrario, que Barcellos está com sorte!

Senão, vejam: um dicionario francez-portuguez, chorographico, do padre José Marquês, traz Barcellos... como cidade!

«Nem sempre ao mar, nem sempre á terra.»

